



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PLANO NACIONAL DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES-PARFOR
LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA
POLO ALTAMIRA

MICHELI GONZAGA DOS SANTOS

MEMORIAL

FORMAÇÃO INICIAL E CONTINUADA: REFLEXÕES DE UMA
EDUCADORA DO MUNICÍPIO DE ANAPU

ANAPU- PA

2023

MICHELI GONZAGA DOS SANTOS

MEMORIAL

**FORMAÇÃO INICIAL E CONTINUADA: REFLEXÕES DE UMA
EDUCADORA DO MUNICÍPIO DE ANAPU**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao Programa de Formação de Professores da Educação Básica (PARFOR), através da Universidade Federal do Pará, como requisito final para a obtenção do grau de licenciatura Plena em Pedagogia.

Orientadora: Prof.^a. Esp. Dienne Marly de Souza Pontes.

ANAPU- PA

2023

FICHA CATALOGRÁFICA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo
com ISBD Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará

Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos
pelo(a) autor(a)

G642f Gonzaga dos Santos, Micheli.

Fomação inicil e continuada : Reflexões de uma
educadora do município de Anapu / Micheli Gonzaga dos Santos.
— 2023.

32 f.

Orientador(a): Prof^a. Esp. Dienne Marly Souza Pontes

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) –
Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de
Altamira, Faculdade de Educação, Altamira, 2023.

1. Educação. 2. Campo. 3. Campesinos. 4.
Formação. 5. Continuada. I. Título.

CDD 370

MICHELE GONZAGA DOS SANTOS

MEMORIAL

**FORMAÇÃO INICIAL E CONTINUADA: REFLEXÕES DE UMA
EDUCADORA DO MUNICÍPIO DE ANAPU**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao Programa de Formação de Professores da Educação Básica (PARFOR), através da Universidade Federal do Pará, como requisito final para a obtenção do grau de licenciatura Plena em Pedagogia.

Orientadora: Prof.^a. Esp. Dienne Marly de Souza Pontes.

Avaliado em: ____/____/____

Conceito: _____

Banca Examinadora:

Orientadora

Prof.^a. Dienne Marly de Souza Pontes.

Avaliador

ANAPU- PA

2023

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho a Deus, que me deu forças, saúde e me sustentou até aqui e a minha família pelo apoio durante esses quatro anos de curso em especial os meus pais que sempre acreditaram em mim.

A essa universidade, seu corpo docente.

A minha orientadora Dienne Marly Pontes.

ANAPU- PA

2023

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, à minha família que sem os quais não teria forças para continuar e aos meus colegas de turma pelo companheirismo durante os 04 anos de curso, agradeço também a uma grande amiga Vivian Ladeia, que acreditou em mim e me deu a minha primeira oportunidade de trabalhar como professora na escola particular que ela era dona, agradeço a minha tia e colega de turma Ana Keline por ter me ajudado durante o curso e por todo incentivo e conselhos que nunca me deixaram desistir e a todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigada.

Agradeço também ao programa PARFOR e a todos os professores que tive o prazer de conhecer e receber tantos conhecimentos, agradeço minha orientadora Prof.^a . Dienne Marly de Souza Pontes por todo apoio e incentivo.

Ele fortalece o cansado e dá grande vigor ao
que está sem forças.

Isaías 40:29

ANAPU- PA

2023

RESUMO

Este trabalho aborda uma temática que é fruto de muitos debates e que me chamam bastante atenção e que pretendo refletir, é o numero elevado de analfabetos que ainda hoje temos em nossa região, bem como o numero de crianças que chegam até o quinto ano do Ensino Fundamental anos Iniciais, que não sabem ler e interpretar textos, surgindo o seguinte questionamento: A formação Inicial para o exercicio do magistério e a formação continuada para capacitar o fazer diario da docencia, pode diminuir os defictis de aprendizagem e o analfabetismo no municipio de Anapu? Os objetivos foram traçados a partir da narrativa da minha história de vida e de formação, buscando refletir sobre a educação ofertada no municipio, contar um pouco daquilo que pude observar no decorrer da minha trajetória como estudante e como profissional sobre a formação de professores e/ou a falta dela, e a preocupação do poder publico com a formação continuada dos educadores que aqui atuam. Utilizou-se como metodologia uma pesquisa do tipo reflexiva autobiográfica, gênero escolhido foi o memorial, Para fundamentar este trabalho, estarei buscando em Tardif (2003), Nóvoa (1995), Freire (1996), Hage (2005), Molina e Jesus (2004).Este trabalho estará estruturado em quatro capítulos que darão consistência a explanação da minha narrativa. Por fim farei as considerações finais, em que mostrarei os resultados obtidos por essa pesquisa.

Palavras Chaves: Educação do Campo, camoesinos, formação continuada.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9 a 11
CAPITULO I: FAMÍLIA MINHA VIDA E MEU MUNDO.....	12
1.1 Nossa trajetória.....	12 a 14
CAPITULO II: AS DIFICULDADES DE ACESSO E PERMANÊNCIA.....	15
2.1 A pouca escolaridade : uma triste realidade.....	15 a 17
CAPITULO III: MINHA TRAJETÓRIA ESTUDANTIL.....	18
3.1 Meu primeiro contato com a escola: fatos e relatos que marcaram minha trajetória como estudante.....	18 a 20
CAPITULO IV: TRAJETÓRIA DOCENTE.....	21
4.1 O sonho e a realidade.....	21 a 24
CAPITULO V: O PARFOR.....	25
5.1 O encontro com a formação específica : mudanças significativas na minha praticapedagógica.....	25 a 28
CONSIDERAÇÕES FINAIS	29
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	30 a 33

INTRODUÇÃO

Este trabalho de conclusão de curso, em forma de Memorial, estará abordando sobre a formação inicial e continuada dos educadores que atuam no campo, principalmente na educação básica da região de Anapu/Pa. Para isso, estarei fazendo reflexões a partir da minha trajetória de vida, trazendo lembranças de de minha infância, mostrando os obstáculos que precisei superar para chegar até a Universidade Federal do Pará e poder obter formação adequada para atuar na educação do meu município.

O interesse pela pesquisa surgiu a partir da minha observação no decorrer da minha trajetória como docente, em que percebo muitas lacunas que acredito poderiam ser preenchidas se eu tivesse mais conhecimento para atuar na docencia, posto que estamos numa sociedade que se transforma a todo segundo, alunos que demandam praticas pedagogicas das quais é necessario preparação e estudo para aplica-las. Somando-se a essas questões, vivenciamos o periodo pandemico que exigiu do educador qualificação e conhecimento, que em meu conceito, os alunos da região estão com lacunas de aprendizagens que precisam ser atendidsa para que não tenho toda a vida escolar comprometida.

Esse processo pós pandemia COVID-!9 desencadiou ainda mais a importancia de se pensar na formação incial e continuada dos professores que estarão em sala de aula a partir desse periodo, uma preocupação que precisa ir além dos muros da escola e chegar aos nossos governantes.

Sendo importante dizer que esse assunto e sua obrigatoriedade consta na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (LDB), nº 9394/96, artigo 63, que afirma: “III - programas de educação continuada para os profissionais de educação dos diversos níveis” (BRASIL, 1996).

Outro fator que me chama bastante atenção e que envolve a problematica que pretendo refletir, é o numero elevado de analfabetos que ainda hoje temos em nossa região, bem como o numero de crianças que chegam até o quinto ano do Ensino Fubdamental anos Iniciais, que não sabem ler e interpretar textos, surgindo o seguinte questionamento: A

formação Inicial para o exercício do magistério e a formação continuada para capacitar o fazer diário da docência, pode diminuir os déficits de aprendizagem e o analfabetismo no município de Anapu?

Sendo assim, buscarei as respostas para tais questionamentos através da narrativa da minha história de vida e de formação, buscando refletir sobre a educação ofertada no município, contar um pouco daquilo que pude observar no decorrer da minha trajetória como estudante e como profissional sobre a formação de professores e/ou a falta dela, e a preocupação do poder público com a formação continuada dos educadores que aqui atuam.

Utilizou-se como metodologia uma pesquisa do tipo reflexiva autobiográfica, que de acordo com Gil (2002), possibilita ao sujeito autor, estabelecer relação entre o assunto descrito e o tema escolhido. Com abordagem qualitativa, que Severino (2002), explica que ela permite ao pesquisador, ser ao mesmo tempo o sujeito e o objeto de suas pesquisas.

O gênero escolhido foi o memorial, que possibilitará transcrever de forma individual as vivências que denotam as experiências adquiridas no decorrer da vida. Nele as pessoas podem expressar a construção de sua identidade, registrando emoções, descobertas, desafios e sucessos que marcam a sua trajetória, tanto na vida pessoal, quanto profissional e acadêmica. Corroborando a isto, Campos nos mostra que:

O memorial possibilita a inserção no sujeito não só no fazer do texto, mas também na temática do texto, alocando-o na esfera construtiva do processo científico como um sujeito social, produtor e produzido pela linguagem. (2015, pag. 23).

Portanto, será possível realizar uma retrospectiva, que mostrará as conquistas, bem como traçar metas futuras, uma vez que se adquire conhecimento durante todas as fases da vida.

Para fundamentar este trabalho, estarei buscando em Tardif (2003), mostrando que as práticas docentes são adquiridas no decorrer da história de vida e de sua carreira profissional. Diz também, que são temporais, pois “ensinar supõe aprender a ensinar, ou seja, o professor precisa estar em constante aprendizado para que progressivamente aproprie-se dos saberes necessários à realização do trabalho docente”. Porém, destaca que a prática pedagógica

poderá ser reformulada à medida que o educador entra em contato com novas experiências educativas. Tardif (2003), quando nos mostra que planejar aulas motivadoras ainda é um desafio para os educadores, pois muitas vezes suas práticas profissionais são marcadas por uma formação obsoleta, ou seja, ultrapassada e não atendem as necessidades da sociedade atual.

Nóvoa (1995), para mostrar que a formação continuada, deve ser entendida como parte do desenvolvimento profissional, devendo acontecer no decorrer da atuação docente, para que assim, o professor possa refletir, contextualizar novas circunstâncias, revendo e ressignificando sua prática em sala de aula.

Freire (1996), que nos traz importantes contribuições dizendo que todos os seres são inacabados e que, portanto, a busca pelo aprendizado deve ser constante. Mostra ainda que é importante respeitar e valorizar o conhecimento prévio do educando, sendo estes, incorporados as suas práticas, como um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros. Pontua ainda, que o aprendizado precisa acontecer através de trocas, em que o sujeito que ensina também aprende.

Hage (2005) que mostra a realidade do povo camponês e as problemáticas referentes à educação do campo, principalmente no que se refere ao estado do Pará.

Molina e Jesus (2004), que defendem uma educação voltada para o sujeito do campo e suas especificidades e que contribua para reafirmar o campo como território legítimo de produção da existência humana e não só da produção agrícola.

Este trabalho será estruturado em quatro capítulos que darão consistência à explanação da minha narrativa. O primeiro capítulo será introdutório. No segundo capítulo, estarei relatando fatos marcantes da minha vida em família e a minha trajetória como estudante no decorrer do Ensino Fundamental. Já no terceiro capítulo, relatarei sobre minha formação no magistério e a minha carreira profissional. No quarto e último capítulo abordarei a respeito do tão almejado sonho de um curso superior, realizado em uma das Universidades mais bem-conceituadas do estado, a Universidade Federal do Pará, que me proporcionou ingressar através do PARFOR (Plano Nacional de Formação de Professores). Por fim farei as considerações finais, em que explanei resultados obtidos por essa pesquisa.

CAPÍTULO I: FAMÍLIA MINHA VIDA E MEU TUDO

1.1 NOSSA TRAGETÓRIA

Nasci no município de Altamira, no estado do Pará, no ano de 1988. Venho de família muito humilde, sou a primeira filha de Ana Lourdes Gonzaga dos Santos e Carlito Apolinario dos Santos de uma prole de dois filhos.

Tive uma infância muito humilde, meu pai trabalhava em uma empresa que veio para Anapu para abertura da transamazonica e minha mãe durante muito tempo trabalhava só em casa, cuidando de mim e do meu irmão, sempre foram pais muito esforçados e nos criaram com muito amor e responsabilidade

Mesmo com tantas dificuldades que passávamos éramos muito felizes e muito unidos, posso dizer que tive uma infância da qual me orgulho muito, brinquei muito aproveitei cada momento, meu irmão e eu não tínhamos muitos brinquedos, pois meus pais não tinham condições de comprar, então nós mesmo fazíamos os nossos com latinhas de sardinhas fazíamos carrinhos, com pena de galinha improvisávamos petecas, com sacolas e roupas velhas criávamos bolas e em meio as brincadeiras ajudávamos minha mãe nas tarefas da casa, cada um tinha sua obrigação para fazer

Passado alguns anos meu pai perdeu o emprego e minha mãe precisou ir trabalhar fora, para ajudar meu pai com as despesas da casa. Então precisei fazer as atividades domésticas que antes eram feitas por minha mãe, nesse período fiquei prejudicada nos meus estudos porque eu passava a manhã cuidando dos afazeres domésticos e a tarde ia pra escola, o tempo que eu tinha para estudar era a noite, mas já estava cansada. Minha mãe por ser analfabeta não podia me ajudar, meu pai sempre me ajudava no que era possível pra ele.

De acordo com Hage(2005) a maioria das cidades do interior não possuem estrutura econômica que possa garantir emprego e renda aos camponeses, fazendo com que, muitas vezes precisem recorrer a serviços de pouca retribuição o que também afeta os filhos que precisam dar prioridade ao sustento da casa em detrimento a escola, sendo um fator importante quando falamos êxito de aprendizagem, quer na zona urbana, quer na rural. Esse tipo de cenário é um impedimento para o bom desenvolvimento do trabalho pedagógico, pois de nada adiantaria um professor preparado com aulas dinâmicas e com alunos com fome e cansados do trabalho e/ou das distâncias percorridas, impossibilita ao educando o

ANAPU- PA

desenvolvimento de uma aprendizagem, de forma autônoma possibilitando a emancipação social enquanto fenômeno político.

Segundo Pedro Demo (2002, p.89-102), a pobreza política impede todo e qualquer avanço social e cultural. Ele também defende a qualificação profissional do professor, pois este está sendo visto como o elemento fundamental em meio a qualquer tecnologia que venha a existir na escola. Em vista disso, é essencial ao professor ter condições de elaborar uma proposta pedagógica própria e para que isso aconteça é necessário recorrer à pesquisa para então haver a possibilidade da construção de materiais didáticos em conformidade com a realidade de seus alunos; e por meio desses materiais, o professor-pesquisador vai ter suporte para avaliar adequadamente, permitindo que seus/suas alunos (as) tornem-se conscientes e críticos enquanto em contato com a sua realidade e o seu contexto. Pois jamais podemos perder de vista a noção de infância como a alegria de brincar, de pular corda, de jogar bolinhas de gude, a idade dos porquês, um bom momento para aprender boas maneiras, o gostar de ouvir histórias. Visto que “A infância é resíduo de um tempo que está acabando.” (MARTINS, 2003, p.67).

Eu tinha oito anos nessa época e já lavava, passava, cozinhava, e estudava, mas sempre achava um tempinho para ficar na rua brincando com meus primos e vizinhos e mesmo com tantas responsabilidades eu amava aquela vida. Cresci trabalhando pra ajudar meus pais sempre me esforcei o máximo para retribuir tudo que eles faziam por mim e pelo meu irmão, com dez anos eu comecei trabalhar de babá para ter meu próprio dinheiro e não precisar ficar pedindo nada pra eles.

Meu irmão também começou trabalhar muito cedo na sétima série ele desistiu dos estudos para trabalhar e ajudar meus pais nas despesas de casa, eu lembro que meus pais não aceitavam e passaram vários dias tentando convencer ele voltar pra escola, mas ele não quis mais estudar.

Acredito que seja de suma importância pontuar que as dificuldades em me manter na escola, bem como o fato do meu irmão ter parado de estudar não estão relacionadas à uma má educação ou mesmo que pelo fato de minha mãe ser analfabeta e meu pai ter estudado pouco, é reduzir ou mesmo mascarar a responsabilidade do estado com um problema com dimensões históricas, pois de acordo com Serra Freire (S/A) O entendimento governamental é de que as

principais causas do fracasso escolar em instituições de poucos recursos, que são principalmente as escolas rurais e as situadas na periferia das áreas urbanas, são: metodologias tradicionais, passivas, que enfatizam mais a memorização do que a compreensão; sobrecarga e descontextualização dos conteúdos; precarização no processo de desenvolvimento de capacidades básicas de leitura-escrita e cálculos elementares na primeira série; dificuldades na transição do aluno do eixo da família para a escola; carência de livros e materiais didáticos adequados à realidade das escolas; rigidez de calendários e formas de avaliação; insuficiência de tempo reservado efetivamente à aprendizagem; (des) qualificação e rotatividade docente.

Como é possível perceber, não podemos apenas culpar a escola ou o professor pela educação precária que chega ao sujeito do campo, que faz com que pessoas como minha mãe vivam uma vida inteira sem conhecer o mundo letrado e como meu mirmão que precisa conviver com as dificuldades por conta do pouco estudo que tem. É preciso que nós, sujeitos que moram em regiões afastadas da capital, sejamos conscientes de que as problemáticas que envolvem a educação do campo, dentre elas a falta de qualificação dos professores para atuar com alunos que necessitam de uma metodologia diferenciada e que esta valorize sua cultura e modo de vida, pois a precarização da educação camponesa é, na verdade a denúncia do processo histórico de exclusão dos fatores políticos, econômicos, sociais e culturais que permeiam a realidade camponesa e o anúncio a afirmação do campesinato como sujeito histórico, produtor de um saber que se gesta no trabalho, a luta do campo (GHEDINI, JANATA & SHWEMDLER, 2010 p. 183).

As reflexões sobre a minha família e como foi a constituição da nossa vida adulta me fez perceber fatores que até então não tinha conseguido avaliar de uma forma mais acadêmica, de um problema que é bem maior que meus pensamentos visualizavam. Passo aquilo que as literaturas nos mostram como que a educação delegada ao sujeito do campo e, historicamente não foram substantivamente beneficiadas pelos instrumentos de políticas de proteção social vigentes no país ao longo de décadas passadas, encontrando-se aí elementos explicativos da exclusão educacional dessas populações.

CAPITULO II: AS DIFICULDADES DE ACESSO E PERMANENCIA

2.1 A POUCA ESCOLARIDADE : UMA TRISTE REALIDADE

Inicio este topico dizendo que meus pais não tiveram oportunidade de estudar e, apesar de meu pai ter estudado até a quarta série primária, o ensino que ele recebeu o deixou marcas e não cumpriu com o objetivo de alfabetizar e letrar, posto que ele possui dificuldades advindas desse processo. De acordo com Ministério da Educação (MEC), a saber: “[...] um indivíduo alfabetizado não será aquele que domina apenas rudimentos da leitura e da escrita e/ou alguns significados numéricos, mas aquele que é capaz de fazer uso da língua escrita e dos conceitos matemáticos em diferentes contextos”. (BRASIL, 2015, p. 160). Desta forma, a alfabetização é o processo no qual o educando adquire a habilidade da leitura e escrita não somente de palavras, mas de textos e principalmente consegue estabelecer interações com o conhecimento de modo que estabelece conexões diversas com o seu contexto.

Meu pai cursou até 4º série do ensino fundamental ele conta que na época quando ele estudava as coisas eram muito difíceis ele tinha que andar 18 km a pé e mais uns mil metros de canoa para atravessar um rio, quando ele chegava atrasado para pegar a canoa ele atravessava nadando meu pai conta que sempre levava na sacola uma muda de roupa para não chegar na escola molhado pois a professora não deixava ele assistir a aula molhado e se ele voltasse para casa meu vô batia nele.

Meu pai também disse que sofreu muito pois a professora era muito carrasca e batia muito nele nas mãos e na cabeça com um pedaço de madeira que chamavam de paumatória, mas mesmo com tantas dificuldades ele conseguiu ser alfabetizado pois recebia muito apoio dos seus pais, ele conta que meu avô sempre falava que ele tinha que aprender a ler, quando ele passou para quinta série acabou desistindo para trabalhar na roça mesmo contra a vontade de meu vô pois ele queria ajudar nas despesas de casa.

Esse tipo de situação demonstra não somente a precariedade do sistema de educação do campo que é falho e excludente Tardif (2007) interpreta o conhecimento docente como um saber plural, baseado na união dos saberes referentes da formação profissional, de

saberes disciplinares, de saberes curriculares e de saberes oriundos das experiências, sendo então, o conhecimento a interação entre a identidade pessoal e social do indivíduo, destacando os saberes da experiência como os de maior atuação.

De acordo com o paragrafo anterior é um professor que se reconheça como parte do processo, nos levando a compreender que os educadores que passaram pela vida de meu pai não conseguiram refletir sobre a realidade dos alunos numa tentativa de adaptar recursos e situações .

Nesta linha de pensamento, Freire (2011) se refere à formação de professores como um processo permanente em que o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática, pois acredita que é se pensando na prática executada que será possível melhorar a próxima prática, mencionando, ainda, que:

[...] é fundamental que, na prática da formação docente, o aprendiz de educador assuma que o indispensável pensar certo não é o presente dos deuses nem se acha nos guias de professores que iluminados intelectuais escrevem desde o centro do poder, mas, pelo contrário, o pensar certo que supera o ingênuo tem que ser produzido pelo próprio aprendiz em comunhão com o professor formador (FREIRE, 2011).

Segundo Nóvoa (1992), os professores têm que se assumir como produtores de sua profissão, para que seja possível a mudança do próprio contexto em que ele intervém e aplica sua ação sem abandonar a questão da produção de saberes. Para o autor, a formação dos professores é um dos componentes do processo de mudança da educação, e não uma condição para isto, devendo ser produzida pelo esforço de inovação e de procura dos melhores recursos para a transformação da escola.

Esta formação de professores pode desempenhar um papel relevante na configuração de uma "nova" profissionalização docente (idem, 1992), estimulando a formação de uma

cultura profissional entre os professores e de uma cultura organizacional nas escolas.

Minha mãe é analfabeta ela conta que não gostava de estudar não tinha estímulo que as aulas eram chatas e a professora muito rígida e tratava os alunos muito mal, mesmo com o pouco estudo dos meus pais eles sempre foram e são meus maiores insentivadores pois a oportunidades que eles não tiveram eles sempre buscaram me proporcionar sempre participaram da vida escolar minha e do meu irmão mas de nós dois, apenas eu consegui concluir o ensino médio e chegar ao nível superior.

Tenho consciência de são inúmeros problemas que causam a evasão escolar e/ou abandono da escola, porém penso que mesmo em condições precárias o professor poderá fazer a diferença na vida de seus alunos, desde que ele exercite a reflexão e se conscientize que, no campo a educação é uma das alternativas, se não a única, para o protagonismo humano. Sobre essa perspectiva Para Soares (2004), o efeito do ambiente escolar no aprendizado dos alunos é em grande parte determinado pelo professor, pelos seus conhecimentos, seu envolvimento e sua maneira de conduzir as atividades de sala de aula. O estudo da dinâmica da sala de aula, por professores que transitam por várias instituições e/ou níveis de ensino, pode contribuir para a compreensão das estratégias utilizadas pelos docentes para apropriar-se de saberes capazes de facilitar seu sucesso profissional, numa perspectiva do desenvolvimento de uma aprendizagem significativa.

É com essa reflexão que hoje reflito sobre a educação que “foi” ofertada aos meus pais, com um olhar pedagógico vejo o tanto que eles sofreram para ir a escola em busca de algo que deveria ser por direito oferecido a eles, os professores sem formação, sem domínio de conhecimento, com práticas que não estimulavam as crianças nem despertavam nelas o interesse pelas aulas o que faziam com que muitos desistissem dos estudos tão novos.

CAPITULO III: MINHA TRAJETÓRIA ESTUDANTIL

3.1 MEU PRIMEIRO CONTATO COM A ESCOLA: FATOS E RELATOS QUE MARCARAM MINHA TRAJETÓRIA COMO ESTUDANTE

Quando entrei para a escola eu tinha sete anos, fui matriculada na 1ª série do ensino fundamental. Não tenho muitas lembranças, porém sei que minha professora não possui o nível superior, o que alias era uma pratica bastante comum em minha região até então.

Sem muita pratica ou conhecimentos pedagógicos a turma passava por momentos bem complicados no que tange o aprendizado. Então em agosto, no retorno das férias, a turma foi dividida em: primeira série forte e primeira série frca e eu fiquei na tuma dos “fracos”, pois ainda não havia me apropriado da leitura e da escrita, sendo que minha professora nunca fez atividades diferenciadas para verificar minhas demandas e tentar me ajudar de alguma forma.

A escola que comecei estudar foi a Escola Maria das Dores, que foi construída com a ajuda do meu avô e alguns moradores da cidade, na época era apenas um barracão de palha com bancos de madeira e pertencia ao município de Pacajá, porque Anapu não era emancipado ainda o que tornava as coisas ainda mais difíceis. lembro que quando chovia a gente se molhava e quando o sol estava muito quente a gente passar mal de tanto calor, recordo de um cheiro muito forte de fezes e urina que tinha atrás da sala porque como não tinha banheiro os alunos faziam suas necessidades trás da sala.

Sobre a precariedade da educação ofertada ao sujeito do campo Hage (S/A) nos alerta para o fato de que existe uma dicotomia muito grande entre a realidade das escolas do campo e os marcos legais existentes, que precisam ser consideradas, dentre elas duas mecerem atenção prioritaria no momento de elaboração de políticas e estratégias educacionais para o meio rural, a saber: a) no desenvolvimento histórico do sistema de ensino em nosso país, o fator de localização da população se constitui enquanto elemento intensificador da desigualdade na oferta de oportunidades de escolarização, de forma que, quanto mais próximo dos centros urbanos, maiores são as oportunidades de ensino da população; b) a ampliação das oportunidades de ensino efetivada a partir da instituição da legislação vigente, não têm sido capaz de provocar alterações significativas no atendimento à escolarização dos povos do

campo.

Ainda segundo o mesmo autor, essas particularidades que relatei, também comprometem o processo de ensino-aprendizagem, pois os alunos sentem-se desmotivados e quase não frequentam a escola, o que eleva os índices de infrequência e da evasão nas turmas. Fatores esses que podem estar relacionados:

A precariedade da estrutura física; as dificuldades de transporte e as longas distâncias percorridas por professores e estudantes para chegar à escola, a oferta irregular da merenda, e a necessidade dos estudantes realizar atividades produtivas em face das precárias condições de vida no campo. (HAGE. s/a, pag, 03)

Concordo com as colocações do autor e complemento relatando sobre aquilo que pude observar no decorrer da minha trajetória, em que é comum ver os professores enfrentarem uma sobrecarga de trabalho, posto que precisam se desdobrar para dar conta dos afazeres da escola que vão desde a função de docente à faxineiro, cozinheiro, diretor, secretário e mais o que por ventura for necessário.

Eles também enfrentam interferências no trabalho advindas das secretarias de educação, como reflexo das relações políticas que envolvem o poder local, mudando constantemente de escola em função da instabilidade no emprego. (HAGE. s/a, pag, 03)

Com relação ao fazer pedagógico que enquanto criança era o que importava e talvez por esse motivo eu tenha guardado mais recordações, posso dizer que era muito diferente dos dias de hoje, não brincávamos, não podia sorrir na sala nem cantar, a gente tinha que ficar sempre calados somente ouvindo tudo que a professora falava e quando a gente falava alguma coisa, já recebia um bilhete para entregar ao responsável, para que comparecesse a escola no dia seguinte, pois estávamos desrespeitando a professora. As vezes que levei bilhete para casa apanhei de minha mãe, pois segundo ela a professora tinha sempre razão.

Quando eu fui para terceira série senti muita vontade de desistir dos estudos, a professora era muito cruel ela era sempre muito séria com a cara fechada e gritava muito com a gente. Lembro que uma vez ela me bateu com uma régua, fazendo o mesmo com os demais colegas da turma, as aulas dela não apresentava nada de inovador se tornando exaustivas e

enfadonhas, sempre sentia vontade de não ir mais para escola, pois tinha muito medo dela principalmente dos gritos. Lembro também de cada detalhe das aulas dela pois foi a professora que menos gostei de ter.

De acordo com Freire (1996) as atitudes de um professor, seja positiva ou negativa, irá repercutir na vida do educando na mesma proporção (afetividade e postura), sendo necessário que o professor seja reflexivo e considere que ensinar perpassa questões de respeito ao educando e aos seus conhecimentos prévios. O mesmo autor ressalta a necessidade dos educadores criarem as condições para a construção do conhecimento pelos educandos como parte de um processo em que professor e aluno não se reduzam à condição de objeto um do outro, porque ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção.

Freire (1996) também chama atenção para o fato de que precisamos estar consciente do nosso inacabamento, pois é essa consciencia que nos faz buscar cada dia mais nos aprimorar para modificar o que está condicionado, mas não determinado, passando então a sermos sujeitos e não apenas objetos da nossa história.

Com muita luta e dificuldades cheguei na oitava série do ensino fundamental estava prestes a ir para o ensino médio, mas no mês de julho descobri que estava grávida do meu namorado e tive que me casar, resolvi então desistir dos estudos com vergonha de ir grávida pra escola porém meus pais e meu esposo não aceitaram que eu desistisse ficaram do meu lado e me incentivaram a continuar mesmo com tantos desafios que eu passei durante a gravidez eu consegui terminar o ensino fundamental em 2005

Quando terminei o Ensino Fundamental, fiquei três anos sem estudar, ficou muito difícil conciliar casamento trabalho e estudo, porém me sentia muito triste pois eu tinha um grande sonho de fazer um nível superior, um dia meu pai e minha mãe me chamaram e disseram que não estava certo eu ficar sem estudar e que como eu não tinha tempo nem durante o dia por causa do trabalho e nem a noite pelo bebê eles iam pagar um programa onde se fazia o ensino médio em dois anos foi uma grande oportunidade em minha vida eu trabalhava durante a semana e estudava nos sábados e domingos o dia todo.

CAPITULO IV: TRAJETÓRIA DOCENTE

4.1 O SONHO E A REALIDADE

Comecei a trabalhar na educação em 2010 sem formação específica para isso e hoje sou consciente de que poderia ter feito muito melhor. Essa trajetória iniciou-se em uma escola particular chamada "Pingo de Gente", em que eu auxiliava a dona da escola em uma turma de jardim II, fato que para mim, na época, seria improvável já que meu sonho desde criança era seguir a carreira de médica veterinária.

Na minha família já tinha três professoras, minha tia Ana Keline que estuda pedagogia junto comigo e que sempre me incentivou e me ajudou muito e mais duas primas. Como naquela época a realização do meu sonho era impossível por conta que não era ofertado o curso na minha região e eu não tinha condições financeiras de fazer uma faculdade particular. Então fui parar na educação que durante algum tempo foi somente por uma questão financeira.

Mesmo não exercendo a profissão na qual sempre sonhei, procurava me esforçar para aprender com minha patroa, observava tudo que ela fazia na sala de aula e admirava demais a forma como ela conduzia a turma, ficava encantada com a paciência que ela tinha com as crianças e a forma carinhosa que ela os tratava.

Tardif (2010) apontam que a escola é o *locus* específico onde há melhores condições de ser desenvolvida a formação do professor, isto é, no contexto do trabalho. Também na escola devem ser estimuladas as competências coletivas que nascem da relação com os pares, e que compõe um espírito de corpo, uma marca dos saberes docentes daquela escola.

A autora nos lembra que nos últimos 30 anos aconteceram poucas pesquisas relacionadas às práticas pedagógicas efetivas que acontecem em sala de aula, talvez pela pouca valorização desses saberes pelo próprio campo da educação. Ou talvez porque ainda se priorize um saber teórico (o que ensinar) em detrimento de um saber fazer na formação do professor.

Concordo com o autor, pois foi essa vivência que me ensinou e despertou em mim o

gosto e o amor pela sala de aula. No mês de agosto, quando retornamos das férias, ela me chamou e disse que eu seria a professora da turma no lugar dela, no momento fiquei sem acreditar que ela estava depositando em mim tanta confiança e responsabilidade, aquele gesto sem dúvidas foi a coisa mais incrível que alguém já fez por mim, pois foi através dessa oportunidade que me tornei uma professora e passei amar meu trabalho. Hoje não me imagino longe da escola, dos alunos e desse mundo que nos prende que é tão desvalorizado e exaustivo, mas que nos encanta e nos transforma a cada dia em seres humanos melhores.

Junto com essa tão grande oportunidade e responsabilidade veio também os grandes desafios, pois apesar de ter aprendido muito com ela, eu não tinha formação específica na área e com isso, não sabia como agir em determinadas situações, houveram momentos que me senti perdida, incapaz, sem didática, sem metodologias para ajudar os meus alunos e quando isso acontecia eu sempre ia pedir a ajuda dela, que sempre me ajudava e as vezes até ia para dentro da sala me ajudar com alunos que tinham mais dificuldades.

É sabido que os saberes produzidos por meio de práticas educativas são fundamentais para a formação de sujeitos socialmente ativos para tanto é preciso que os espaços escolares estejam organizados e preparados para ofertar um ensino que garanta tal formação. Com isso fico pensando na precarização do ensino em minha região, na qual muitos educadores atuam, ainda hoje sem ter qualquer preparo para isso.

Com base nessa afirmação, verifica-se que a formação de docentes que atuam na realidade do campo precisa ser pensada e refletida de forma que venha a atender de fato o povo que vive no campo e que possui seus direitos a terra e educação de qualidade, valorizando o seu lugar de sobrevivência, pois a população do campo possui seus valores e culturas que são de grandes importâncias para a sociedade, uma vez que é do campo que sai boa parte dos produtos consumidos que chegam aos centros urbanos. Sobre a formação docente no campo, Arroyo et al., (2009, p. 37) ressaltam que:

[...] é ali que se concentra o maior número de professores leigos, que são mínimas as possibilidades de formação no próprio meio rural, e que de modo geral os programas de formação de professores, incluindo os cursos de Magistério e os cursos superiores, não tratam das questões do campo, nem mesmo nas regiões em que

grande parte dos futuros professores seguramente irá trabalhar neste contexto, ou se o fazem, é no sentido de reproduzir preconceitos e abordagens pejorativas; e que, por extensão, praticamente inexistem materiais didáticos e pedagógicos que subsidiem práticas educativas vinculadas às questões específicas da realidade do campo.

A formação do professor que atua no campo é essencial para executar um trabalho de qualidade na tentativa de atender as necessidades que realmente possibilitem um desenvolvimento de qualidade, segundo as necessidades da comunidade ou da localidade que trabalha, no processo da realidade onde existem sujeitos históricos que possuem suas culturas singulares, diferentes, mas não inferiores. Segundo Antunes e Hage (2010, p. 28) ressaltam:

Há a necessidade de se concretizar um processo de educação dialógica que inter-relacione saberes, sujeitos e intencionalidades, superando a predominância de uma educação bancária e de uma concepção disciplinar de conhecimento. Os saberes da experiência cotidiana no diálogo com os conhecimentos selecionados pela escola propiciarão o avanço na construção e apropriação do conhecimento por parte dos educandos e educadores.

Eu sem saber ainda a importância dessa necessidade de se concretizar um processo de educação dialógica que inter-relacione os saberes e sujeitos que vivem no campo, sempre tive consciência das minhas limitações, pois o que eu sabia sobre ministrar aulas era o que eu lembrava dos proferes que tive e da dona da escola que me ensinou muito.

Hoje compreendendo um pouco mais sobre o assunto sei que sem formação não seria possível atender de fato as demandas daqueles alunos, uma educação de qualidade que dialogasse com suas vivências e experiências.

Freire (1987) destaca que cada sociedade precisa cuidar da formação dos indivíduos, isso se dá devido vivermos em um planeta formado por várias sociedades com culturas, saberes, conhecimentos, aspectos, dentre outras características que diferenciam os indivíduos, ou seja, que os tornam seres únicos. Por ser a realidade brasileira uma das mais diversas, se faz necessário que as práticas educativas sejam desenvolvidas de acordo com cada realidade e

necessidade.

Libâneo (1994, p. 27) afirma que “a formação profissional é um processo pedagógico, intencional e organizado, de preparação teórico-científica e técnica do professor para dirigir competentemente o processo de ensino”.

Esse processo começou a fazer sentido para mim quando percebia que precisava compreender melhor as questões relacionadas a aprendizagem, mas precisava do meu emprego e ainda trabalhei nessa escola durante três anos. Depois recebi uma proposta para trabalhar em uma escola pública do município, foi uma grande oportunidade, porém a cobrança pelo nível superior só aumentava, e eu sabia que eu precisava muito estudar apesar de não fazer ideia do que era a pedagogia.

O processo pedagógico em que o professor precisa passar para que tenha uma boa formação profissional, como afirma o autor deve proporcionar a oportunidade de que esse professor se qualifique e prepare-se para poder atuar como agente transformador social.

Partindo desses pressupostos, ressalto a importância da minha formação docente pelo PARFOR, a princípio foi muito difícil, porém essencial para que eu pudesse estar narrando minha trajetória como professora quase licenciada.

Conforme afirma Nóvoa (2009, p. 15 -16): É preciso passar a formação de professores para dentro da profissão. [...] Não haverá nenhuma mudança significativa se a “comunidade de formadores de professores” e a “comunidade dos professores” não se tornarem mais permeáveis e imbricadas.

Durante todo o tempo que passei trabalhando como professora sem formação foi desafiador, muitas vezes eu me sentia perdida em meio tantos desafios, situações que surgiam na sala de aula que eu muitas vezes tive que sair da sala e perder ajuda dos colegas mas não me envergonho disso, e também já sofri muitas humilhações da parte de colegas de profissão durante reuniões, encontros ou algum projeto da escola, professores que me fizeram muitas vezes sentir vontade de desistir com suas atitudes desumanas, já fui muitas vezes chamada de pobre contratada de sem formação de professorinha mesmo eu sempre me esforçando tanto para da o meu melhor.

CAPITULO V: O PARFOR

5.1 O ENCONTRO COM A FORMAÇÃO ESPECIFICA: MUDANÇAS SIGNIFICATIVAS NA MINHA PRÁTICA PEDAGÓGICA

Depois de alguns anos na educação eu aprendi amar meu trabalho e não me via mais fora das sala de aula foi quando tomei a decisão que eu precisava de fato fazer uma faculdade de pedagogia, comecei a procurar por instituições novamente mas todas que eu encontrava eram muito caras as mensalidades, no final do ano de 2018 o diretor de ensino do município me falou que estavam vendo a possibilidade da UFPA ofertar para Anapu através do programa PARFOR duas turmas uma de pedagogia e uma de matemática foi quando meu coração se encheu de esperança, ia ser um sonho estudar em uma faculdade federal e melhor ainda sem precisar pagar nada.

Em 2019 veio a tão esperada noticia eu depois de dez anos trabalhando como professora finalmente iria me formar estudar no curso de Pedagogia. Para mim foi a realização de um sonho porque apesar de ter pouco conhecimento, queria muito ser professora. Estudar pedagogia foi muito benéfico para mim, pois melhorei meus conhecimentos pedagógicos em todos os aspectos.

Naquele momento iniciava uma das etapas importantes em minha carreira profissional, havia entrado na Universidade, iria cursar o tão sonhado nível superior. Minha entrada na Universidade aconteceu através do processo de seleção para o PARFOR (**Programa de Formação de Professores da Educação**), passei pelo processo seletivo, onde os desafios foram preocupantes, e me preparei para conhecer e me aperfeiçoar nas linhas dos teóricos, onde a intenção era ter uma visão ampla de mundo.

Nesse sentido, Libâneo (2002) trata da grandeza e importância da Pedagogia, expondo sua opinião sobre o campo do conhecimento, que se dá através do estudo sistemático com a prática educativa, pois ao adentrar na sociedade concretiza uma atividade humana, ou seja, suas ações interferem de forma natural dentro de todo o processo social onde o grupo ou a classe esteja inserido.

Conforme as aulas iam sendo ministradas pelos diferentes docentes, cada um com sua didática, trouxeram avanços satisfatórios para mim como discente, as “portas estariam abertas” para quaisquer dúvidas, isso me fazia a todo momento ver que poderia sim aprender a cada dia perpassado. Percebi que minha relação com o curso só viria a me ajudar como profissional da Educação. Fui observando as informações precisas trazidas pelos professores em suas particularidades, compartilhando suas teses e suas crenças como profissionais da educação e ampliando minhas possibilidades.

O curso superior foi e ainda está sendo de fundamental importância para a minha vida, pois através dos estudos direcionados consegui realizar análises que me possibilitaram perceber o comprometimento da pesquisa como foco da aprendizagem. Nesse período pude ver que de diversas formas me “encontrei” com os teóricos referenciados, visões esplêndidas com efeitos formidáveis, ou seja, uma coerência de organização como dantes não tinha visto.

O interessante é que a partir das leituras e estudos fornecidos pela academia fui me contagiando de questionamentos sobre o que priorizar na tarefa pedagógica, mas a questão não era o que priorizar, pois esteve sempre claro que a função é impedir que este trabalho organizacional fosse esquecido pelas mazelas que acontecem dentro do cotidiano escolar e sim, que essa teoria seja firmada dentro da prática de cada profissional.

Através da universidade, ganhei uma nova visão sobre o que significa ser uma professora e como isso se relaciona com o ensino e a aprendizagem. É muito difícil está em uma sala de aula sem qualquer treinamento. Acredito que todos os professores que atuam em sala de aula devem receber formação continuada para aprimorar suas práticas de ensino e abraçar novos conceitos. Minha visão em relação aos alunos mudou completamente. Hoje, tenho outra perspectiva sobre a educação. Tenho mais flexibilidade para sentar com os alunos e conhecer a situação de cada aluno deles. Antes, minha principal preocupação era mostrar o meu trabalho, ensinar os alunos ler e eu era muito rígida com meus alunos. Hoje me sinto mais humana, sei mais como lidar com certas situações de forma diferente. Posso falar, ouvir e compreender os alunos como um todo.

Entendo que ser educador é fazer parte de um processo inacabado, uma vez que o educador estará sempre em busca de novidades, ou seja, sempre estará em aprendizado, e este não terá fim, enquanto estiver ativo. No decorrer do curso compreendi que ser educador hoje, é não parar no tempo e nem fazer resistência ao novo, pois o tempo passa depressa e as

mudanças são constantes, desta maneira o educador é um eterno aluno.

Ser educador segundo Gadotti (2008), utilizando Rubem Alves como referência, é vocação, sendo que toda vocação nasce de um grande amor e de grandes esperanças, é a partir desses sentimentos que me coloco para construir uma realidade diferente e dessa maneira contribuir com a escola para concretização de uma sociedade humana, e com isso saber articular sentido para minha profissão.

Ser educador hoje é ter um olhar e um pensar ampliado, estimulando o desenvolvimento integral do ser humano em sua totalidade pessoal, intelectual, emocional, física, onde haja espaço para todas as pessoas, transformando-as em autônomas, reflexiva e críticas, intelectuais e principalmente humanas, aonde o conteúdo venha ter sentido e esteja centrado na vida para que a educação seja transformadora e emancipadora, considerando e respeitando o modo de vida das pessoas, suas culturas e sua identidade.

Ser educador hoje é diferente das décadas atrás, segundo Gadotti (2008) a informação se desloca com velocidade e através das novas tecnologias, a formação continuada tornar-se indispensável para o educador, uma vez que as máquinas são facilitadores e contribuem para o processo ensino-aprendizagem, mas o professor continua como mediador, sendo que agora precisa ser curioso, buscando sentindo para o que faz, tornando-se um aprendiz permanente.

Outra característica do educador é ser pesquisador, pois mesmo na educação básica, nível que irei atuar a pesquisa é de suma importância para o trabalho em sala de aula, tanto por parte do professor como em trabalhos desenvolvidos com os alunos, nesta perspectiva Freire (2011b) afirma que:

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. [...] Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade (2011, p. 30-31).

Entendo que o educador necessita ir à busca do novo, e indo a busca, encontra novas

indagações, uma vez que precisa investigar as questões, e desta maneira sua prática torna-se dinâmica e coloca sempre algo para ser descoberto, uma vez que não conhecemos tudo e nem conheceremos, diante dessa afirmação, compreendo que o educador é um pesquisador e com isso não reproduz apenas o que está para ser ensinado, mas com a pesquisa constrói conhecimento e anuncia novidades para seus alunos, e estes também irão estabelecer uma conexão com a prática da pesquisa, sendo de suma importância na educação básica.

Compreendo desta maneira que ser educador hoje é estar disposto a encontros e reencontros, ou seja, o mesmo estará à frente de algo já conhecido, mas que precisa da pesquisa para buscar novas informações para clarificar as indagações em relação ao assunto, uma vez que a pesquisa nunca trará uma solução para o problema em questão, mas trará novos esclarecimentos e novas perspectivas para os assuntos e com isso enriquece o seu trabalho na tentativa de aprofundar a temática e ampliar os debates em sala de aula.

Diante desse contexto tenho esperança de uma educação onde haja espaço para todos e dessa maneira construir uma sociedade mais humana, colocando o aluno como sujeito e não como objeto da educação, e ter como exemplo as teorias de Freire (1996) onde coloca que ensinar exige respeito aos saberes dos alunos, exige pesquisa, espírito crítico, bom senso, alegria e esperança, ensinar exige a convicção de que a mudança é possível.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Finalizando minha essa pesquisa posso dizer que escrever este memorial de formação foi um desafio gratificante, pois caminhei em busca do meu passado adormecido. Ao longo do presente memorial, fiz uma reconstituição sobre a minha infância e formação pedagógica, buscando responder a problemática que direcionou este estudo, e que se pautou na busca em responder o seguinte questionamento: a formação Inicial para o exercício do magistério e a formação continuada para capacitar o fazer diário da docência, pode contribuir para a melhoria da aprendizagem dos alunos do município de Anapu?

Posso dizer que os achados da pesquisa foram bastante relevantes, pois me permitiu refletir sobre a problemática utilizando a minha história de vida e de formação, em que pude perceber o quanto alguns educadores deixaram lacunas em meu aprendizado justamente por não ter formação para atuar na docência, passei a ter clareza que, preciso refletir e avaliar constantemente a minha atuação pedagógica, percebi o quanto meu processo educacional é abstruso, complicado de fato. Também tenho como um importante achado o fato de meus pais não terem estudado e um dos motivos que os afastaram da escola, foi a falta de uma prática pedagógica que pudesse atender as demandas deles.

Com relação a educação ofertada no município, hoje já existe a preocupação com a formação inicial e continuada dos educadores, preocupação constante da secretaria de educação. Porém vivenciamos momentos muito triste no passado, em que se tinha grande quantidade de professores leigos em sala de aula.

Por fim, concluo que mesmo com a preocupação dos governantes em disponibilizar formação adequada e continuada aos educadores de Anapu, é preciso criar um calendário de formação continuada para melhorar a qualidade da prática docente no sentido de que trabalhem buscando ressignificar os conteúdos que os alunos vivenciam na escola, posto que eles veem as aulas de acordo com a realidade deles, sendo necessário que eles percebam e valorizem o ambiente onde vivem, bem como mostrar que a educação é importante para o futuro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Formação inicial e continuada de professores : o múltiplo e o complexo das
F723 práticas educativas /
Adair Vieira Gonçalves; Maria Rosa Petroni (organizadores) – Dourados : Ed. UFGD, 2012.
- ANTUNIASSI, M. H. R. Trabalhador Infantil e Escolarização no Meio Rural. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.
- BOBBIO, N. A era dos direitos. Trad. Carlos Coutinho. Rio de Janeiro: Campus, 1992.
- CALDART, R. S. Educação do Campo: Notas para uma Análise de Percurso. Revista Trab. educ. saúde, Rio de Janeiro, v. 7 n. 1, p. 35-64, mar./jun.2009. Disponível em: <http://www.revista.epsjv.fiocruz.br//include/mostrarpdf.cfm?Num=235> Acesso em: 01 de mar. 2011.
- DEMO, P. De Que Escola Estamos Falando? Revista de Educação CEAP, Salvador, v. 10, n 36 mar./mai., p. 89-102, 2002. FREIRE, P. A Importância do Ato de Ler: em três artigos que se completam. 22 ed. São Paulo: Cortez, 1988. 80 p
- ARROYO, Miguel. Educação em tempos de exclusão. In: GENTILI, Pablo & FRIGOTTO, Gaudêncio (orgs.). *A cidadania negada: políticas de exclusão na educação e no trabalho*. São Paulo: Cortez; (Buenos Aires, Argentina): CLACSO, 2001.
- CHIZZOTTI, Antônio. *Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais*. São Paulo: Cortez, 4ª edição, 2000.
- BARRETO, Elba Siqueira da Sá. Política educacional e educação das populações rurais. In: MADEIRA, Felícia R. & MELLO, Guiomar N. de. (Coord.). *Educação na América Latina*. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1985, p. 115-150(Coleção Educação contemporânea).

CALAZANS, Maria Julieta C. Para Compreender a Educação do Estado no Meio Rural – Traços de uma Trajetória. In: *Educação e Escola no Campo*. Campinas: Papirus, 1993.

CALAZANS, Maria Julieta C.; CASTRO, Luís F. M. de. & SILVA, Hélio R. S. Questões e contradições da educação rural no Brasil. In: WERTHEIN, Jorge & BORDENAVE, Juan D. (Orgs.). *Educação Rural no Terceiro Mundo: experiências e novas alternativas*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2ª Edição, 1985.

CANEN, Ana & MOREIRA, Antonio Flávio. Reflexões sobre o multiculturalismo na escola e na formação docente. In: CANEN, Ana & MOREIRA, Antonio Flávio (orgs.). *Ênfases e Omissões no Currículo*. Campinas, SP: Papirus, 2001.

CANO, Wilson. Desequilíbrios regionais e concentração industrial no Brasil 1930-1970. São Paulo: Global editora/PNPE, 1985. (Teses).

DRAIBE, Sônia M. As políticas sociais brasileiras: diagnósticos e perspectivas. In: IPEA/IPLAN. *Para a década de 90: prioridades e perspectivas de políticas públicas*. Brasília: IPEA/IPLAN, 1990, p. 1-66.

FLEURI, Reinaldo Matias. Educação intercultural: mediações necessárias. In: FLEURI, Reinaldo Matias (org.). *Educação intercultural: Mediações necessárias*. DP&A, 2003.

_____ e SOUZA, Maria Isabel Porto de. Entre os limites e limiares de culturas: educação na perspectiva intercultural. In: FLEURI, Reinaldo Matias (org.).

ANAPU- PA

Educação intercultural: Mediações necessárias. DP&A, 2003.

FREIRE, Jacqueline C.S. *Juventude Ribeirinha: identidade e cotidiano*. Dissertação (Mestrado em Planejamento do Desenvolvimento), Belém:UFPA, 2002.

GENTILI, Pablo. Educar para o desemprego: a desintegração da promessa integradora. In: FRIGOTTO, Gaudêncio (Org.). *Educação e Crise do Trabalho: perspectivas de final de século*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2ª Edição, 1998.

GOHN, Maria da Glória. Educação, trabalho e lutas sociais. In: GENTILI, Pablo & FRIGOTTO, Gaudêncio (orgs.). *A cidadania negada: políticas de exclusão na educação e no trabalho*. São Paulo: Cortez; (Buenos Aires, Argentina): CLACSO, 2001.

LEITE, Carlinda. O lugar da escola e do currículo na construção de uma educação intercultural. In: CANEN, Ana & MOREIRA, Antonio Flávio (orgs.). *Ênfases e Omissões no Currículo*. Campinas, SP: Papirus, 2001.

Ministério da Educação/Fundescola. *Escola Ativa: capacitação de professores*. Brasília, 1999.

MOREIRA, Antonio Flávio B. *Currículos e Programas no Brasil*. Campinas, SP: Papirus, 1990.

PINO, Mauro del. Política educacional, emprego e exclusão social. In: *A cidadania negada: políticas de exclusão na educação e no trabalho*. São Paulo: Cortez; (Buenos Aires, Argentina): CLACSO, 2001.

SACRISTÁN, J. Gimeno. O Currículo: uma reflexão sobre a prática. Porto Alegre: ArtMed, 3ª ed., 2000.

SANTOS, Wanderley Guilherme dos. *Cidadania e justiça: a política social na ordem brasileira*. Rio de Janeiro: Campus, 2ª ed. 1987. (Contribuições em ciências sociais; 1).

SILVA, Tomaz T. Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autentica, 1999.